INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA

FRANCISCO RICKELME GOMES BARROS

O CONHECIMENTO DE DEUS NO *ITINERARIUM MENTIS IN DEUM* DE SÃO BOAVENTURA

TERESINA
2023

FRANCISCO RICKELME GOMES BARROS

O CONHECIMENTO DE DEUS NO *ITINERARIUM MENTIS IN DEUM* DE SÃO BOAVENTURA

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Filosofia do Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí para obtenção do título de Licenciado.
Orientador: Prof. Dr. Fr. Miguel Kleinhans, OFM.

TERESINA

2023

ICESPI - BIBLIOTECA
16063
20/02/25

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

Barros, Francisco Rickelme Gomes

B277c O conhecimento de Deus no Itinerarium mentis in Deum de São Boaventura. / Francisco Rickelme Gomes Barros. - 2023.

45 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Instituto Católico de Estudos Superiores - ICESPI, Curso de Licenciatura em Filosofia, Teresina, 2023.

Orientador : Profº. Dr. Fr. Miguel Kleinhans OFM

1. Teodicéia 2. Conhecimento de Deus 3. filosofia 4. São Boaventura I.Título.

CDD – 100

Elaborado por Ana Paula Ribeiro da Silva CRB- 3/1704

FRANCISCO RICKELME GOMES BARROS

O CONHECIMENTO DE DEUS NO *ITINERARIUM MENTIS IN DEUM* DE SÃO BOAVENTURA

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ

Curso de Licenciatura em Filosofia

Data de aprovação: _____ de _____ de 2023.

Prof. Dr. Miguel Kleinhans, OFM

Prof. Dr. Fr. Miguel Kleinhans, OFM

Orientador

Ms. Fr. Roberildo Sousa Araújo, OFMCap.

Examinador

Pe. William Alves dos Santos Vasconcelos

Examinador

Dedico esse trabalho ao Pai das Luzes, nosso Deus e fonte de todo conhecimento e de toda verdade;

À Virgem Maria, a Senhora da Conceição Aparecida, à São José e à Santo Antônio Aparecido, meus amados padroeiros;

Aos meus padrinhos e amigos do céu que intercederam por mim, São Francisco e Santa Clara de Assis, São Boaventura e Santa Teresinha, São Geraldo e o Servo de Deus Pe. Léo;

À minha amada família, que é minha base: minha mãe, Carmem Lucia Gomes, e meu pai, Francisco Caetano, aos meus avôs Maria Gomes, Josefa Fernandes e João Caetano, ao meu irmão biológico, João Pedro Gomes e minhas irmãs espirituais Maria Tereza Lima e Ir. Bernadet (Maria Vitória Visgueira);

À minha amada Diocese de Campo Maior, na pessoa de Dom Francisco de Assis, por depositar a confiança de pai e o investimento de pastor em minha vocação e formação;

Ao Pe. Jonilson Torres Resende, (in memoriam) pelo incentivo e acompanhamento dado enquanto vivo e por sua intercessão;

A todos que contribuem com o Projeto Amigos do Seminário.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, ao Pai das Luzes, que é fonte de todo conhecimento de toda verdade e graça divina, por permitir tamanha graça em concluir este trabalho;

À Nossa Senhora da Conceição Aparecida, à São José e à Santo Antônio Aparecido, meus amados padroeiros e aos meus padrinhos e amigos do céu: São Francisco e Santa Clara de Assis, São Boaventura e Santa Teresinha, São Geraldo e o Servo de Deus Pe. Léo por interceder por mim a cada instante nesta árdua caminhada;

À minha amada família por me acompanharem e apoiarem em todas as etapas de minha formação e missão;

Ao meu orientador, Prof. Dr. Fr. Miguel Kleinhans, OFM, por ser esse guia mui sábio e conduzir-me neste itinerário de fé, conduzindo-me sempre a busca do Ser Primeiro e Absoluto, também a Profª. Ma. Elisângela Amaral, por mesmo de longe e por meio das redes sociais me incentivou e ajudou a chegar no fim dessa pesquisa, como também ao Prof. Me. Pe. Cristiano;

À toda minha diocese, por investir e apoiar minha formação e missão, em especial à Dom Francisco de Assis Gabriel, CSsR, meu amado bispo diocesano, pelos conselhos e direcionamentos de como percorrer esse caminho formativo-intelectual sem jamais perder a fé;

À toda a equipe formativa do Seminário Maior Sagrado Coração de Jesus, em nome do Pe. Anderson Fábio, reitor da Casa da Filosofia e do Pe. Antônio Soares, reitor da casa da Teologia;

À minha paróquia São José, na pessoa do Pe. Claudio Lopes e Monsenhor Silvestre, por todo apoio e orações dos seus padre e paroquianos e ao grupo de oração Deus todo poderoso, pelas orações e amizade, na pessoa de sua coordenadora, Dona Antônia Gomes, e a toda Renovação Carismática da Diocese de Campo Maior, pelas orações, na pessoa de seu coordenador diocesano Daniel Ramos;

A todos os meus irmãos e amigos de turma, na pessoa Lincoln Pereira, Manoel Alves e Luiz Henrique, pela convivência fraterna e pela amizade em todos os momentos;

Àqueles que desde o início da caminhada formativa estiveram e continuam comigo neste incansável caminhar rumo ao sacerdócio de Cristo: Denilson de Sousa, Danilo Tavares, Erasmo Nery, Francisco Geraldo;

Em especial aquele que me suporta e apoia desde o início, e que juntos começamos e terminaremos fiéis ao plano do Salvador, meu grande irmão Alexandre Freitas, obrigado por tudo;

Ao meu irmão e amigo que Deus me presenteou por meio da vocação, Antônio Barbosa, por sempre acreditar em mim e me incentivar;

A todos os meus irmãos e amigos seminaristas que sempre me incentivam e me presenteiam com as orações e a amizade, a todos;

Aos meus queridos amigos professores que durante todo esse processo de formação me incentivaram e cooperaram na pesquisa e correção dessa monografia, em nome das professoras Adriana Barbosa, Remédios Ibiapina, Florisa Soares, Rita Monteiro, Maria José Mesquita, Iveuta Abreu, Edivaldo Martins nos quais saúdo todos os que contribuíram com a minha formação desde os primeiros degraus;

As minhas irmãs em Cristo, que sempre me deram força nas horas mais difíceis, Isabella Marina, Eliane Maria, Layane Solano, Sanya Geovana, Carmem Soares, Simone Oliveira, Mara Cristina, Cecilia Cavalcante, Giovanna Leite e aos meus irmãos Marcos Rocha, Mario Macyell;

Aos amigos padres da minha diocese, que tanto apoiaram e rezaram por minha vocação e formação, na pessoa do Pe. Claudinei Silva, Pe. Antônio Pereira, Pe. Rafael Gomes, Mons. Edvando Oliveira.

Por fim, ao Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí com todo o corpo docente, por toda a sua dedicação no processo formativo.

"Seguir ao Senhor com os passos ligeiros para que a poeira não toque os pés"

(Santa Clara de Assis)

"Abrasados pelo fogo do Espírito Santo, possamos seguir os passos de teu Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, e mediante somente a tua graça, chegar até ti, ó Altíssimo, que, em Trindade perfeita e em simples Unidade, vives e reinas e tens toda a glória, ó Deus onipotente"

(São Francisco de Assis)

"Não basta a leitura sem a unção, não basta a especulação sem a devoção, não basta a pesquisa sem maravilhar-se; não basta a circunspecção sem o júbilo, o trabalho sem a piedade, a ciência sem a caridade, a inteligência sem a humildade, o estudo sem a graça [...] Roguemos, portanto, e digamos ao Senhor nosso Deus: 'Conduze-nos, o Senhor, na tua via e eu caminharei na tua verdade. Que o meu coração se regozije no temor de teu nome'"

(São Boaventura)

RESUMO

Este trabalho pretende analisar a questão da teodiceia que São Boaventura de Bagnoregio levanta em sua obra *Itinerarium mentis in Deum* (1259). Tendo como objeto de pesquisa o conhecimento de Deus, pois em seu itinerário místico ele faz um percurso didático que leva a questão: como se apresenta o conhecimento de Deus em sua criação, em suas criaturas e como a racionalidade do homem pode, pela iluminação divina, chegar a tal conhecimento? Em seu itinerário a questão relevante não é posta na existência de Deus, sendo esta uma certeza, mas como se apresenta e como se pode chegar a essa cognoscibilidade. O autor elabora um caminho místico-filosófico em três vias, para alcançar esse conhecimento. Trabalhando com base na teoria da iluminação ele segue por um caminho gradativo, percorrendo a via sensitiva, a via intelectiva e a via sapiencial, até chegar no êxtase mental, o ápice do conhecimento. A discussão filosófica da teodiceia boaventuriana se apresenta como uma síntese dos pensamentos da época e com grande contribuição em torno da capacidade ilimitada (*Capax Dei*) do ser humano para alcançar o verdadeiro conhecimento na contemplação de seu Criador.

Palavras-Chaves: São Boaventura; filosofia; teodiceia; conhecimento de Deus; itinerário.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the question of theodicy that St. Bonaventure of Bagnoregio raises in his work "*Itinerarium mentis in Deum*" (1259). Its object of research is the knowledge of God, since in his mystical itinerary he takes a didactic route that leads to the question: how is the knowledge of God presented in his creation, in his creatures, and how can man's rationality, through divine enlightenment, arrive at such knowledge? In his itinerary, the relevant question is not the existence of God, which is a certainty, but how he presents himself and how we can reach this knowledge. The author elaborates a mystical-philosophical path in three ways to reach this knowledge. Working based on the theory of enlightenment, he follows a gradual path, going through the sensitive path, the intellective path and the sapiential path, until he reaches mental ecstasy, the pinnacle of knowledge. The philosophical discussion of Bonaventure's theodicy presents itself as a synthesis of the thoughts of his time and with a great contribution around the unlimited capacity (*Capax Dei*) of the human being to achieve true knowledge in the contemplation of his Creator.

Keywords: St. Bonaventure; philosophy; theodicy; knowledge of God; itinerary.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 10

2 OS VESTÍGIOS NO MUNDO SENSÍVEL 12
2.1 A Obra e seu pensamento 12
2.2 A elevação a Deus por meio do universo 14
2.3 A contemplação de Deus nos vestígios do mundo sensível 18

3 A IMAGEM NA PRÓPRIA ALMA 22
3.1 A imagem de Deus impressa na própria alma 22
3.2 A alma renovada pelos dons da graça 26

4 A CONTEMPLAÇÃO DE DEUS NO SER E NO BEM AO ÊXTASE MÍSTICO 32
4.1 A contemplação da unidade divina: o ser 32
4.2 A contemplação da Santíssima Trindade: o bem 36
4.3 O êxtase mental e místico 39

5 CONCLUSÃO 43

REFERÊNCIAS 44

1 INTRODUÇÃO

O *Itinerarium mentis in Deum* (Itinerário da mente para Deus ou em Deus) é a obra mais conhecida de São Boaventura, de tal forma que se levanta algumas questões filosóficas, dentre elas o problema do conhecimento de Deus. Na área da teodiceia, a problemática de como o homem pode chegar ao conhecimento do Ser superior levanta várias linhas e formas distintas de pensar como se alcançar esse ente transcendental. Nesse sentido surge a questão de como Boaventura enxerga um caminho de ascendência do homem a cognoscibilidade de Deus.

Por meio de uma leitura feita da obra que se fez objeto de estudos desse trabalho, tal questionamento provocou a admiração de seu pensamento e curiosidade de se aprofundar, pois percebe-se por meio desse itinerário uma tentativa de racionaliza-se o caminho espiritual e místico, sendo possível constatar um equilíbrio e uma proposta segura de que a fé e a razão podem perfeitamente andar de modo paralelo.

A relevância do presente estudo se demostra na redução filosófica-teológica realizada por Boaventura, trazendo à discursão seus escritos que fundamentarão reflexões místicas, cosmológicas e ontológicas. A discursão filosófica da teodiceia boaventuriana se apresenta como uma síntese dos pensamentos da época e com grande contribuição em torno da capacidade ilimitada (*Capax Dei*) do ser humano culminado no ápice da mente. Averiguar por meio de uma experiência cognitiva guiada por uma iluminação, somada ao esforço da busca racional e a revelação divina, se é possível tal elevação do indivíduo.

Este trabalho será dividido em três capítulos, tendo em vista a divisão que o próprio filósofo fez em sua obra. No primeiro capítulo, tomaremos a primeira via (Via sensitiva) com os vestígios de Deus que se apresentam no mundo criado por Ele, na análise do universo e do mundo sensível pela porta dos sentidos. Adentrando o conhecimento a priori que a pessoa humana possui e pelos vestígios de Deus no mundo sensível, o Doutor Seráfico levanta a possibilidade do homem iniciar sua elevação a esse conhecimento por meio do universo, a partir dos cinco sentidos.

No segundo capítulo a segunda via (via intelectiva), averiguando a compreensão da imagem de Deus que está impressa na alma. Na visão antropológica da Idade Média, estava intimamente relacionada com a revelação bíblica, assim o homem era compreendido como um ser transcendental. Seguindo essa tradição cristã, do seu tempo, Boaventura decorre seu pensamento nessa visão sobre vê o homem a partir de sua criação, analisando o fato da criação, como momento onde o homem teve verdadeiro e livre conhecimento de Deus, com o auxílio da

graça, em sua contemplação perfeita. Porém, destaca que essa visão não era uma visão face a face, mas que já era muito superior a visão que hoje ele possa ter de seu criador.

No terceiro capítulo a terceira via (via sapiencial), a contemplação de Deus em sua essência, em seu nome primário (o ser) e secundário (o bem), alcançando por fim o êxtase mental e místico, onde se demostra o auge do conhecimento e intimidade com Deus. Tendo investigado os vestígios e imagem que Deus deixou na sua criação, seja no universo, na natureza ou na própria alma humana, o homem em si, como obra prima de toda criação, o franciscano percebeu a necessidade de eleva-se ainda mais, adentrado o ser de Deus propriamente dito, no seu nome, na sua essência, o Ser e o Bem. Aqui já a racionalidade se depara com seus limites e começa a dar espaço para a fé, no mesmo tempo em que o frade utiliza-se dos argumentos filosóficos em especial de Santo Ancelmo, Agostinho e Dionísio, ele denota a importância das Sagradas Escrituras.

2 OS VESTÍGIOS NO MUNDO SENSÍVEL

Neste primeiro capítulo far-se-á uma análise da primeira via demostrada na obra de São Boaventura, intitulada de *Itinerarium mentis in Deum*. Sendo sua obra mais lida e comentada, o Itinerário da mente para Deus, traduzido para o português, pode-se notar em tal trabalho claramente as questões metafísicas. Dentre elas os problemas da teodiceia se apresentam com grande enfoque, pois acerca do conhecimento de Deus a filosofia franciscana, especialmente o autor estudado, não questionam primeiramente a existência desse ser supremo, mas sim como se apresenta ou como podemos chegar a tal conhecimento.

2.1 A obra e seu pensamento

Boaventura de Bagnoregio como devoto de São Francisco de Assis e tendo acabado de ser eleito Ministro Geral dos franciscanos, procurou injetar ainda mais mística à sua filosofia ao tempo em que tornou sua fé mais racionalizada e lógica. Tais ações se inserem no contexto de um pensamento que não pretende perder as margens de uma religiosidade que, ao tempo em que reconhece a importância do intelecto, é capaz também de assumir que apenas por meio dele não se poderá alcançar uma cognoscibilidade de Deus. Com essa inspiração retirou-se para a contemplação, onde surgiu a obra em questão, como ele mesmo explica em seu prólogo:

> Foi então que Deus me inspirou retirar-me ao Monte Alverne, como a um lugar de repouso e com o desejo de degustar lá a paz do coração. [...] Com efeito, as seis asas do serafim podiam muito bem simbolizar as seis elevações ou iluminações progressivas, pelas quais nossa alma, como que por certos degraus ou vias, dispõe-se à posse da paz através dos arrebatamentos extáticos da sabedoria cristã (Boaventura, 2020a, p. 15).

Em seu itinerário, o Doutor Seráfico sintetiza os conhecimentos de sua época, formando um compêndio das ideias helênicas clássicas cristianizadas por Agostinho e próprias de seu pensamento cristão, juntamente com a revelação divina. Assim, o autor pretende buscar a origem de toda a iluminação por um modo que vai para além da razão humana e ultrapassa seus limites. Como na maioria de seus escritos, que começa a invocar Deus por Pai das luzes, o primeiro Princípio, cogitando-o como fonte de toda cognoscibilidade (Boaventura, 2020a).

Uma grande parte dos fundamentos da metafísica boaventuriana parte de princípios hermenêuticos de ideias neoplatônicas e de total espiração agostiniana, fazendo assim seu pensamento bater contrariamente a algumas das ideias aristotélicas e de seu contemporâneo

Tomas de Aquino. Mesmo tendo domínio e conhecimento a fundo das ideias de Aristóteles, chegando ao ponto de chamá-lo de filósofo por excelência e citando-o inúmeras vezes, Boaventura tem pontos divergentes de seu pensamento quando se opõe a seu mestre Platão.

> "A filosofia de inspiração aristotélica não era capaz de sustentar o esforço de Boaventura para ligar estreitamente os componentes filosóficos com os teólogicos, o elemento revelado com o racional. Ele buscava uma filosofia que alimentasse a sua religiosidade, o seu abraço constante com a teologia e o seu misticismo, aquele calor afetivo para o qual cada passo é, ao mesmo tempo, ato de inteligência e ato de amor. No quadro da tradição monástica e do espírito religioso difundido por Francisco de Assis, Boaventura, diante das tradições filosóficas mais abalizadas, optou pela tradição platônica e, portanto, rejeitou a tradição aristotélica" (Reale, 1990, p. 579).

A base de sua metafísica está no exemplarismo. Tal teoria é para o franciscano um método de chegar à causa primeira e suprema de todos os seres criados, por isso pode ser visto como uma síntese ou ponto que liga as ideias franciscanas e agostinianas-platônicas, pois tal causa em Boaventura se encontra na Palavra criadora do bom Deus. Como nos diz José Antônio Merino (2006b, p. 115), "o exemplarismo é a doutrina das relações de expressão que existem entre as criaturas tal qual são em si mesmas e tal qual são em Deus ou no Verbo. As coisas estão em Deus como ideias exemplares."

Por meio dessa visão boaventuriana o itinerário inicia-se por uma ideia cosmológica que se volta a contemplação por meio dos vestígios de Deus no mundo sensível, seja ele expresso no universo ou a coisas mais simples do cotidiano, que se encontram ao nosso redor. Tanto que faz uma divisão de substâncias criadas, a saber: as corpóreas; as espirituais; as compostas de ambas. E para iniciar essa escada de ascendência ao conhecimento de um ser tão perfeito é necessário investigar vestígios nesse mundo e essa capacidade se dar através dos sentidos.

Sendo que nas ideias boaventuriana o exemplarismo conduz tudo para Cristo, o seu pensamento é de forma centralizada na fonte e causa de toda a criação, o Verbo de Deus. Que porventura é em seu pensamento, não somente fonte do existir, mas também com a fonte de sua inteligibilidade. Nessa primeira via, onde se divide em dois degraus correspondem a duas potências da alma, tais são eles o sentido e a imaginação (Boaventura, 2020a).

Boaventura enxerga nos sentidos uma disposição para a ordem e o conhecimento, pois cada sentido está em função de um objetivo e faz tal trabalho com todo esmero. "Eis como a sabedoria divina se encerra ocultamente no conhecimento sensitivo, e quão admirável é a contemplação dos cinco sentidos espirituais segundo a conformidade que têm com os sentidos corporais" (Boaventura, 2021, p. 47). Para o Doutor Seráfico, esses sentidos espirituais são de

certa forma atos ou percepções mentais, que correspondem aos juízos dos cinco sentidos corporais, que são produzidos pelo êxtase dos sentidos humanos com a iluminação de sua alma.

2.2 A elevação a Deus por meio do universo

Neste tópico será feita uma análise acerca do primeiro degrau de elevação da mente humana para a cognoscibilidade de Deus, exposto na obra boaventuriana *do Itirerarium mentis in Deum*. Apesar de Boaventura fazer uma síntese do pensamento de sua época, das ideias de seu mestre Alexandre de Hales, o pensamento de Santo Agostinho com as teorias neoplatônicas, o frade franciscano constrói um pensamento próprio e sem dúvidas inspirado por todos esses pensamentos e ideias, porém intimamente influenciado por seu mestre de vida espiritual, São Francisco de Assis. O estilo e a mística do pobre de Assis norteiam toda sua filosofia-mística de seu pensamento em especial da obra em questão.

Assim, como em um caminho, ele divide seu itinerário em sete capítulos, denominado por ele de degraus, percorridos em três vias e cada uma destas demarcada em uma divisão de dois degraus, totalizando seis, e o sétimo e último degrau seria justamente a elevação em si, onde a razão humana alcançaria seu limite (no sexto degrau) e Deus, por sua grande misericórdia e bondade, elevaria o homem a seu conhecimento e intimidade (no sétimo degrau), tendo em vista relação de criador e criatura que se tornam um só. Nesse sentido:

> O itinerário do homem a Deus está constituído por três vias ou caminhos, em cada um dos quais a existência Deus se corrobora com raciocínios. Por isso, estas vias ou caminhos pressupõem a realidade metafísica sobre a qual são possíveis. Tal realidade abrange dois fatos irrefutáveis: a criação e o ser das criaturas (Muñiz, 2006, p. 162).

Em seu primeiro capítulo, o escritor retrata o caminho que deverá seguir em sua obra e assim conduz de forma sintética e nítida o itinerário que se propõe a fazer com o leitor. Em tal apresentação, Boaventura realça sua capacidade hermenêutica para com as circunstâncias bíblicas e filosóficas de seu tempo para acentuar simbolicamente e alegoricamente seus fundamentos teóricos com relação a sua mística especulativa. Assim como relata no início de seu escrito *"Incipit specultio pauperis in deserto"* [1], provavelmente fazendo referência ao texto do profeta Jeremias[2], mas também ressaltando o pensamento filosófico medieval sobre a

---

[1] *"Inicia-se a meditação do pobre no deserto"*

[2] Jeremias 2,1ss

especulação, como o espanto que os antigos helenísticos buscavam para alcançar a felicidade de conhecer. Já com o misticismo religioso da Idade Média a especulação se revela na contemplação que se demostra o grau mais elevado da ascensão do êxtase mental (Abbagnano, 2012).

Assim, na primeira via, busca basear sua investigação nos vestígios da racionalidade divina presentes no mundo, ou seja, por meio dos sentidos podemos captar fora de nós as demonstrações na criação do Ser Criador. Já na segunda via, se debruça sobre as demonstrações das imagens do ser soberano que foram deixadas na alma de sua obra amada, em sua potência. Na primeira instância analisa-se o macrocosmo – grande mundo – enquanto na segunda tem como centro e objeto de pesquisa o microcosmo – pequeno mundo – para assim chegar no criador de ambos os mundos. Por sua vez, na terceira, via volta-se à reflexão para cima, para denotada contemplação dos seus nomes, sendo o nome principal "o ser" e o secundário "o bem". Volta-se a investigação para a essência própria de Deus.

Sendo assim, faz a necessidade de analisarmos primeiramente o universo como mundo criado e suas criaturas. Para isso devemos começar fazendo memória dos pensamentos clássicos que foram construídos acerca desse assunto, pois Boaventura ressalta a falha do pensamento pré-socrático e helenístico pagãos, em relação à causa eficiente, pois não levaram em conta que tal causa pudesse ser a mesma causa de sua existência. Já que o princípio das questões metafísicas se lança sobre a origem e essências das coisas e, como já sabemos, o Doutor Seráfico possui em seu pensamento uma centralidade no Cristo, Verbo criador, donde sua metafísica parte de Cristo, percorre o universo e a humanidade para retornar a seu princípio original, o Verbo do Pai.

Tendo esse pressuposto de que os pensamentos pagãos só não conseguiram encontrar a razão da criação dos seres por faltar-lhes a luz da fé, resta-nos unicamente o modelo do exemplaríssimo metafísico, para justificar filosoficamente as razões divinas dos entes concretos e de toda sua origem temporal (Merino, 2006b). Sendo categórico em seu primeiro degrau, afirma sem hesitar que por meio do universo se demostra a bondade e magnificência do Deus criador, que cuida e cerca de carinho todo ser humano. Como ele mesmo elucida:

> A beleza das criaturas com a variedade de suas luzes, de suas figuras e de suas cores, considerada nos corpos simples, mistos e orgânicos - como são os astros e os minerais, as pedras e os metais, as plantas e os animais - proclama altamente as mesmas perfeições de Deus. Fala-nos igualmente da perfeição de Deus a plenitude das coisas, porquanto a matéria está cheia de formas por causa de seus princípios de desenvolvimento latentes (...) (Boaventura, 2020a, p. 33).

Por conseguinte, nota-se que a atenção do seráfico doutor é expressar de forma clara o movimento que o homem deve fazer para alcançar o primeiro Princípio, pois para ele foi isso que impediu a filosofia antiga que chegasse a sua completude perfeita. Para isso, é necessário ser imbuído do espírito de oração, para que iluminados pela graça divina e guiados por tal iluminação a via contemplativa dos sentidos chegue a servir de farol da inteligência e possa enxergar e reconhecer a glória de Deus em seus vestígios deixados em sua obra criada.

Ainda ressalta que não é a própria filosofia que conduz ao erro de não alcançar a tal perfeição de conhecimento, mas o fato de sua própria natureza humana e pecadora que tende ao erro, ou seja, a alma humana dentro de si tem vontades, ora por desejo de conhecer seu Criador e sua benevolência, ora por fazer o mal, assim se afastando de sua condição primeira de criatura que busca seu criador.

Por isso, Boaventura reconhece nessa visão que a filosofia teria de certa forma uma origem divina, pois tende levar o homem para a busca da verdade, de seu Ser Supremo. E é por força da sua vontade imperativa ao erro tendenciado, ela precisa da *revelare*[3] de Deus e pelo seu *illuminas*[4], possa chegar ao conhecimento fiel e verdadeiro do Verbo que tudo criou. Que só se tornará possível, quando ultrapassar esse limite cognitivo, com o uso do saber filosófico que dá espaço para o auxílio da contemplação e iluminação da fé.

Detendo-nos aos pensamentos de Boaventura, acerca das criaturas criadas no universo, ele segue a composição holomórfica das criaturas, assim como aprendeu de seu metre Alexandre de Hales, ideia está muito comum em seu período e tão bem descrita por José Antônio Merino, a saber:

> Todo ser finito tem em si mesmo o princípio do ser e o princípio da limitação. O princípio do ser, quer dizer, o princípio criativo, é a forma, enquanto que o princípio da limitação, quer dizer, o princípio passivo, é a matéria, pois nenhuma criatura é ato puro. Todo ser finito contém o princípio da limitação, que é a matéria. É evidente que Boaventura não se refere aqui à matéria física corporal, mas à matéria em sentido metafísico e radical, enquanto princípio de limitação no ser, de potência e de possibilidade; ao passo que a forma é princípio do ato e da perfeição (Merino, 2006b, p. 117-118).

Com esse conceito, do seráfico pensador se difere em sua concepção de matéria e não condiz com as concepções de seu contemporâneo Tomás de Aquino ou com o pensamento de hilemorfismo aristotélico ou neoplatônico. Pois nessa relação de matéria física o frade trata de uma visão metafísica e não corpórea, que leva em conta sua potencialidade e sua limitação, aja

---

[3] Revelo, are: Descobrir, mostrar, manifestar, revelar. (VIEIRA, 2016, p.365)
[4] Illumino, as: esclarecer, iluminar, tornar brilhante, fazer realçar, adornar, ilustrar. (VIEIRA, 2016, p.188)

vista que só um único ser não possui tal limitação, o ser supremo e eterno, Deus. Explicando assim que tanto a matéria corporal e espiritual com que as criaturas são formadas tem sua limitação, porém apto a contemplação de sua luz. Entretanto, se deixou levar por bens perecíveis lançou-se em duas misérias, que são: a ignorância de espírito e a concupiscência da carne. Para tanto, ele ainda nos concede a ciência da verdade, que se demostra nas divisões da teologia, que corresponde a teologia simbólica, própria e mística.

Reportando assim como uma escada que deve levar a criatura ao seu criador, Boaventura esclarece por meio do universo e de seus vestígios impressos, tanto captado pelos sentidos corporais e tanto pelos sentidos espirituais em conjunto com a iluminação e elevação a Deus. Aqui também se valendo da filosofia agostiniana, o doutor seráfico ilustra essa capacidade por meio de uma trilogia de verbos, a saber: existir, viver e discernir. Ressalta, assim, a distinção dos seres que existe, dos que somente existem, dos que existem e vivem, para aqueles que são mais perfeitos. Aqueles que sofrem mudanças e os que são incorruptíveis. Ora temporais, ora espirituais.

Fazendo por fim um debruçar-se em suas razões metafisicas chamada *Rationes Seminales*, que, para os estoicos, explicava-se usando a analogia da semente que gera todos os seres da sua espécie, do mesmo modo todas as coisas criadas têm em si uma partícula de sua semente primaria, da razão divina (Abbagnano, 2012). Essa herança agostiniana possui muita influência no pensamento boaventuriano, pois ao tempo que reconhece Deus como princípio Primeiro e Supremo de tudo, reconhece que Ele deixou em toda sua obra traços e vestígios que demostram sua presença. Tais são esses vestígios que o frade ressalta como testemunhas da potência divina, a saber:

> O primeiro capítulo, centrado na elevação a Deus, por meio da consideração do conjunto universal das criaturas dispostas em harmonia e ordem, evidenciando, nelas, os vestígios da perfeição do Criador, sobremaneira pela imagem divina impressa e expressa nas potências da alma humana, que devem ser aprimoradas pelas virtudes da justiça, da ciência e da sabedoria (Silva, 2022, p. 38).

Tal elevação por meio do universo para o conhecimento do ser criador é, em síntese, por iluminação divina e abertura sensível dos sentidos humanos. Tem, assim, a possibilidade de reconhecer o autor de todas as coisas por meio de sua própria obra. Assim, como determinados traços num quadro ou numa pintura rústica, demostram em vestígios visuais o estilo ou jeito próprio de um pintor ou artista, Deus deixou traços de seu toque, deixou vestígios visíveis em toda a criação do seu amor e de sua bondade para com sua obra prima. Assim,

conclui seu primeiro capítulo ressaltando que: quem não enxerga tal vestígio e quem não louva ao criador por tão grande dádiva, é cego e mudo. Pois a criação canta as maravilhas do Deus Criador.

2.3 A contemplação de Deus nos vestígios do mundo sensível

Esse tópico tem por objetivo averiguar o segundo degrau de ascendência que Boaventura faz em sua primeira via de seu itinerário da mente para dentro de Deus, para o conhecimento de Deus. Nesse degrau ele apresenta a contemplação do Ser Primeiro através dos vestígios do mundo sensível, sendo possível este ser captado pela porta dos cinco sentidos. Como ele introduz no início de seu segundo capítulo:

> No espelho do mundo sensível podemos considerar a Deus de dois modos: ou elevando-nos a Ele por meio dos seres que compõem o universo e que são como que vestígios do Criador, ou contemplando-o existente nos mesmos seres pela sua essência, pela sua potência e pela sua presença. Esta segunda contemplação é superior à primeira. Ela ocupa, pois, o segundo lugar e forma o segundo degrau de ascensão que nos conduz à visão de Deus em cada criatura que entra em nossa alma pelos sentidos corporais (Boaventura, 2020a, p. 37).

Para iniciar tal reflexão acerca do mundo sensível, o frade denota a relação que o macrocosmo exerce sobre o microcosmo, quando a alma se abre à penetração por meio dos cinco sentidos, a saber: tato, paladar, visão, audição e olfato. Assim, em sua teoria metafisica da iluminação, a captação desses corpos pelo homem acontece imprescindivelmente por tais sentidos, como relata:

> O homem, que é um "pequeno mundo", tem cinco sentidos que são como as portas, por meio das quais o conhecimento das realidades sensíveis entra em sua alma. Com efeito, pela vista entram os corpos celestes e luminosos e os coloridos. Pelo tato entram os corpos sólidos e terrestres. Pelos outros três sentidos entram os corpos intermédios. Assim, pelo gosto entram os corpos líquidos; pelo ouvido, os aeriformes; pelo olfato, os vaporáveis (os quais participam da natureza da água, do ar e do fogo, como se pode ver no perfume que se exala dos aromas). Em resumo, os corpos simples e os compostos entram em nossa alma por meio dos sentidos (Boaventura, 2020a, p. 39).

Boaventura, como um clássico medieval e neoplatônico, vê que por meio da via sensitiva como porta para uma contemplação se pode chegar ao acesso do ser criador de todas as coisas, bem como porque todas as coisas em si emanam um vestígio, uma imagem do seu

ICESPI - BIBLIOTECA
16.063 | 20/02/25

princípio primeiro. Nesse argumento se utiliza muito dos pressupostos platônicos da teoria das ideias. Tem capacidades claras de ser feitas ligações intrínsecas de tal ideia de Platão com a teoria boaventuriana da Trindade Criadora.

Na teoria platônica, a realidade como estados da alma seria dividida em mundo sensível e mundo inteligível. Cada estado da alma tem um correspondente na realidade, por isso se dá do mundo sensível, onde se encontram as opiniões e esse é o estado da alma onde vivemos nas sombras das ideias. Porque no mundo sensível tudo tende a mudar, pois nada é concreto, se vive apenas nas possibilidades das ideias feitas por base da abstração dos cinco sentidos. Com as sombras, as sombras são nada mais do que uma realidade a partir do objeto que está em frente a uma luz, e a partir desse fato deriva a sombra. Pode-se ver a sombra, mas ela sumirá no momento que a luz for apagada.

Já no mundo inteligível, existe o conhecimento. Onde no mundo sensível existia os objetos concretos e mutáveis como um lápis, uma caneta, no mundo inteligível se encontra os objetos matemáticos, uma realidade geométrica que não possui um conhecimento sensível, mas sim abstrato. A matemática é independente dos fatos e eventos que existirem ao seu redor, a realidade abstrata da matemática é independente dos sentidos, porém ainda não é o grau máximo. Porque o mundo inteligível chega ainda mais longe, chega à forma, a ideia em si, onde só se aprende pela intuição intelectual. O processo que Platão quis mostrar nessa sua teoria das ideias foi que, por meio dos sentidos podemos seguir um processo de elevação da mente e da alma até sua origem primeira, a verdade das ideias. Boaventura, se utiliza desse itinerário platônico perfeitamente para dizer que é possível ao homem por meio dos sentidos acender essa realidade física para uma concepção da *revelare* de Deus, como verdade imutável e eterna.

Assim, não é por matéria física que as coisas e seres exteriores entram na alma, mas por meio da captação de sua substância, imagem ou semelhança. Pois é por meio da percepção e apreensão dos sentidos que "nos leva a um prazer que tem uma finalidade e razão, a uma proporção que gera uma imagem, a forma, a virtude e a ação, sendo estes três aspectos a relação de onde emana o conhecimento das coisas sensíveis" (Silva, 2017, p. 36).

Em tal processo de percepção do mundo sensível, o franciscano toma por base os pensamentos de Aristóteles sobre o mecanismo e funções de cada sentido. Porém, quando se trata dos juízos e avaliações feitas pelo tal processo, as doutrinas agostinianas tomam a vez. Se mostrando um processo em que

> Os sentidos exteriores recebem os dados sensíveis; o senti- do interior (sentido comum, imaginação, estimativa, memória) sintetiza-os e julga-os. A partir

> desse momento podemos comprovar que a abstração aristotélica, à medida que considera que as formas das coisas se encontram nas próprias coisas, se conjuga em Boaventura com a iluminação agostiniana: as relações entre as coisas, a objetividade e a verdade vêm da iluminação do Verbo (Freitas, 2006, p. 70).

O juízo entra em questão como um caminho que conduz à contemplação da Verdade eterna. Porém, que tal juízo ocorra, ele segue uma lei de abstração que denota o tempo, o espaço e a mutabilidade das coisas. Assim se deparando com o eterno, ou seja, aquilo que não está sujeito a nenhuma mudança ou corrupção do tempo ou do espaço. Logo, para Boaventura, só é eterno aquilo que é ou está em Deus. Novamente ressaltando a iluminação como requisito para o sucesso no caminho a ser percorrido, mergulhando assim mais fundo na doutrina agostiniana. Como explica o Dr. Roberto Carlos Pignatari acerca desse assunto em seu livro *"Deus Quaerens"* onde faz uma introdução à metafísica da interioridade de Santo Agostinho tomando por base as leituras de São Boaventura e Heidegger, a saber:

> [...] seu edifício filosófico-teológico, a doutrina da iluminação divina como seu fio condutor, permitirá a Boaventura ajustar na base do sistema duas outras contribuições que, mais que reinterpretadas - e aqui a originalidade do mestre seráfico - serão repensadas e reelaboradas numa formulação inovadora e de imenso alcance para toda a elaboração da síntese: as *ideias divinas* [...] e, principalmente, o *exemplarismo* originado na tradição platónica [...] soma- do à abstração aristotélica, resultando pois no postulado de que toda criatura é um exemplar das ideias divinas criadoras, que são por sua vez essencialmente atividade do *Logos*/Palavra de Deus, sendo que na percepção/abstração dos seres criados, identificamos e vemos, à luz do Verbo, o vestígio do Criador, portanto a sua presença (Pignatari, 2015, p. 73).

Notar-se-á com base nessas informações que o raciocínio das ideias boaventurianas estão intrinsecamente ligadas a uma ação sobrenatural de iluminação para com o ser humano. Sendo assim, "só Deus é a razão de todas as coisas, a regra infalível e a luz verdadeira. Nesta luz brilham todas as criaturas de uma maneira infalível, indelével, indubitável, irrefutável, invariável, ilimitável no espaço e no tempo, indivisível e intelectual" (Boaventura, 2020a, p. 45).

Com a defesa dessa inteligibilidade que é fonte de uma iluminação e nas coisas do mundo sensível, a principal fonte de vestígios e imagens da sabedoria divina, o pobre frade se debruça em alguns outros traços simbólicos da filosofia de sua época. Como a escala numérica que Santo Agostinho elabora para uma possível ascendência a Deus, em suas obras Sobre a verdadeira religião e Sobre a música. Entrando nesse pensamento numérico como revelação da mente de Deus, citando Boécio.

Ressaltando por fim, o sinal. Toda criatura do mundo sensível como sinal, em sua natureza, em sua causa primeira, em seu exemplar e fim último, como Sabedoria da revelação de seu Criador. Ainda mais as criaturas mais elevadas, onde Deus as crias para serem sinais de sua graça no mundo, para que elas ultrapassem o sentido ordinário da palavra sinal e passem a ser sacramento. Segundo algumas definições dos documentos da igreja e da visão clássica de seu período, Boaventura usou a palavra sacramento no sentido de afirmar que seria um sinal visível de santificação para a humanidade e para a Igreja. Assim podemos sintetizar, em suma, que tal contemplação de Deus por meio dos seus vestígios no mundo sensível:

> [...] é a via que possibilita a elevação da criatura ao criador, por via das criaturas que são como sombra, eco, pintura do primeiro princípio, que é a ordenação de tudo. São vestígios, aparências, sinais divinamente apresentados aos órgãos do sentido humano para ver Deus, sinais estes que são sacramento das perfeições invisíveis de Deus que é causa exemplar. Essas criaturas por sua natureza são imagem ou semelhança da sabedoria eterna (Silva, 2017, p. 36).

Portanto, percebemos que o processo de conhecimento de Deus para São Boaventura parte inicialmente por um processo sensitivo e de iluminação. Assim, por meio dos conhecimentos que se pode adquirir por meio do universo e por meio do mundo sensível podemos, portanto, iniciar o processo de cognoscibilidade de Deus. Para chegar ao próximo nível, onde passaremos de uma ciência mecânica e sensitiva, para um uso mais racional do intelecto, uma filosofia. Porém, o homem tem a possibilidade de transcender ainda mais para uma ciência superior, que ele reduz à Teologia. Por fim, chegando a sindérese, que seria o êxtase da alma, a sua contemplação perfeita do Criador de todo o seu conhecimento.

3 A IMAGEM NA PRÓPRIA ALMA

Nesse capítulo, será analisada a segunda via que leva ao conhecimento de Deus, na obra boaventuriana. Tal via se apresenta em outros dois degraus, pois os dois primeiros analisamos no capítulo anterior. O autor, introduz a segunda via com uma analogia do "tabernáculo", bem como recapitula os dois primeiros degraus de ascensão a Deus por meio da contemplação do mundo sensível e todo o universo, onde Boaventura ressalta a divisão do Templo da época judaica e usa essa divisão para elencar também a divisão de sua obra.

Portanto, a analogia do tabernáculo, que o autor usa é de tal forma uma figura de linguagem para exemplificar ao leitor o processo de interioridade e de progressão que se faz em seu itinerário. Na primeira parte do templo se refere à parte externa, chamada de átrio ou vestíbulo, assim contrapondo ao mundo sensível, ao universo que foi analisado em seus vestígios a presença criadora de Deus. Na segunda parte, que nesse capítulo será investigada, é a parte correspondente ao santo ou primeiro tabernáculo, da qual se localiza dentro do templo, onde iremos percorrer a via da interioridade do homem. Já a terceira parte corresponde ao santo dos santos também chamado de segundo tabernáculo, onde se contempla Deus na sua essência.

3.1 A imagem de Deus impressa na própria alma

Nesse tópico será abordada a segunda via, onde será feita uma interpretação do terceiro degrau, de busca da contemplação de Deus por meio de sua imagem impressa nas potências da alma humana. Nesse caso, Boaventura agora se volta para dentro do homem, para assim como foi feito com as criaturas do universo que se encontram no mundo sensível, nessa ocasião ele se debruça sobre a obra prima do Ser Criador. Seu lado místico aponta que se deve abrir a iluminação da luz verdadeira que brilha como candelabro em nossa alma, nos apontando a imagem que Deus deixou impressa nela.

Convida o frade franciscano no início desse terceiro capítulo de sua obra:

> Entra, pois, ó homem, em ti mesmo e observa com que ardor tua alma se ama a si própria. Ora, ela não poderia amar-se se não se conhecesse. Nem poderia conhecer-se se não tivesse lembrança de si mesma. Porque nossa inteligência não aprende senão aquelas coisas que a memória torna presentes. Vê, portanto, não com os olhos da carne, mas com os olhos da razão, como nossa alma possui três potências. Considera as atividades e as relações mútuas destas três potências e poderá ver a Deus em ti mesmo como na sua imagem (Boaventura, 2020a, p. 53).

Notamos a influência agostiniana novamente no pensamento boaventuriano, onde se relata as potências da alma, a saber: a memória, a inteligência e a vontade. Agostinho em sua obra A trindade, relata a existência de tais potenciais da alma não como "três vidas, mas uma vida; e nem são três almas, mas uma alma, consequentemente, não são três substâncias, mas uma só" (Agostinho, 1994, p. 331). Assim, a memória considerada em si mesma a mesma vida, alma e substância, a memória considerada em si mesma, do mesmo modo ele vê isso como semelhança para com o Deus trinitário, três pessoas com a mesma essência divina. Porém ressalta que as potências também têm sua identidade individual, no que se refere a outra coisa:

> Mas quando é nomeada propriamente como memória ela é considerada em relação a alguma outra coisa. O mesmo se diga quanto à inteligência e a vontade: inteligência e vontade dizem relação a alguma coisa. Por outro lado, o termo vida é sempre tomado em referência a si mesmo; assim como o termo alma e o de essência (Agostinho, 1994, p. 332).

Tendo em vista esse contexto antropológico da alma, far-se-á a necessidade de denotarmos em qual pensamento boaventuriano se baseia e se fundamenta sua ideia da alma humana. Segundo vimos anteriormente, em determinados pontos, Boaventura se utiliza do pensamento de Platão e reformula suas teorias, porém, se distancia da ideia platônica de que o corpo é o "cárcere" da alma, pois a alma é eterna e o corpo, como matéria, é corruptível e, assim, aprisionando e submetendo-o a uma escravidão.

São Boaventura aproxima-se da tese aristotélica nesse sentido, contudo, não passa da aceitação da simples forma, como nos assegura José Merino em seus comentários, bem como salienta que a alma não está limitada pela atividade material do corpo, pois possui suas atividades próprias, como atividades vegetativas e sensitivas, com os limites do corpo. No entanto, a atividade do intelecto vai para além do corpo e ultrapassa todos os seus limites, apesar de depender dele como instrumento.

Enquanto a relação do corpo e da alma, Merino evidencia que "são duas substâncias vinculantes que se complementam mutuamente segundo o dinamismo e a estrutura da forma e da matéria" (Merino, 2006a, p. 190). Norteado pelo pensamento cristianizado de sua época e forjado nos moldes agostinianos e paulinos, onde a integridade humana da pessoa passa pelo conhecido tripé paulino (corpo, alma e espírito). Destaca a importância de tal pensamento em seu compendio teológico, chamado Breviloquio, onde diz:

> A perfeição da natureza, enfim, requer que o homem conste simultaneamente de corpo e alma, como de matéria e forma, que possuem inclinação e

> necessidade recíproca. Torna-se claro assim que é necessária a ressurreição, porque o exigem a constituição da natureza, a infusão da graça e a retribuição da justiça, segundo as quais rege-se o conjunto de todas as coisas (Boaventura, 2018a, p. 252).

Tendo em mente as potências da alma, começa a destrinchá-las uma de cada vez, começando pela memória pois, para Boaventura a memória não pode ser outra coisa senão uma configuração do conhecimento. Sendo assim a alma racional é seio de toda memória, inteligência e vontade humana. No entanto, a própria razão faz divergência com vontade, no mesmo ponto onde é a capacidade do conhecer e do amar (Merino, 2006a). Porém, como nos enfatiza o próprio autor desse itinerário:

> [...] a memória nos oferece a imagem da eternidade, cujo presente indivisível estende-se a todos os tempos. - Retendo as coisas simples, mostra que estas ideias não lhe vêm somente das imagens exteriores, mas também de um princípio superior e que ela tem em si mesmo noções que não podem derivar dos sentidos ou das imagens sensíveis. [...] As atividades da memória provam, portanto, que a alma é a imagem e semelhança de Deus. Pela sua memória a alma está de tal modo presente a si mesma e Deus lhe está igualmente tão presente, que em ato o conhece e é potencialmente "capaz dele e de ser dele participante" (Boaventura, 2020a, p. 56).

Nisso vemos o início do processo educacional para seu tempo, pois o exercício de memorizar textos sagrados ou dos grandes clássicos da filosofia. Em grandes escolas da formação religiosa dos líderes judeus usavam o método da memorização dos textos sagrados para iniciar a alfabetização. Através desse método a memória iria sendo estimulada pela sua capacidade e quando se deparassem com informações novas teriam a capacidade de fazer links com os textos já memorizados.

Já a parte da alma, no que tange a inteligência, Merino salienta que é a qualidade do conhecimento intuitivo. E é por meio desta, que a criatura possui a capacidade de se elevar ao seu Criador. Pois consiste em atingir a compreensão dos termos, das proposições e de todas as conclusões, como o conhecimento de infinito, para assim chegar a uma ideia de finito. "Como, efetivamente, nossa inteligência poderia saber que um ser é defeituoso e incompleto se não tivesse a ideia de um ser absolutamente perfeito? E o mesmo se diga das outras condições do ser" (Boaventura, 2020a, p. 57). Como nos assegura o próprio franciscano, que a primazia da inteligência se dá no:

> [...] significado de um termo quando, por meio de uma definição, compreende o que está coisa é [...] E para conhecer bem o ser em si, é preciso conhecer suas propriedades, isto é, a unidade, a verdade e a bondade. Ora, o ser pode

> conceber-se como completo ou incompleto, como perfeito ou imperfeito, como ser em potência ou em ato, como ser sob um certo aspecto ou como ser absoluto. [...] Por isso nossa inteligência nunca poderá definir adequadamente um ser criado, se antes não tiver a ideia de um ser puríssimo, atualíssimo, completíssimo e absoluto (Boaventura, 2020a, p. 57).

Ainda dentro da questão da inteligência, o Doutor Seráfico ressalta em seu pensamento a divisão do intelecto e da razão, a saber: o intelecto especulativo e prático, em vista que a razão em parte superior e a inferior. O intelecto especulativo concerne-se a verdade enquanto verdade, distinguindo do prático que o nota o verdadeiro enquanto bom, assim também se diferencia a razão superior que reluz a alma no tempo em que se assemelha a imagem de Deus, sendo exclusivamente norteada para Ele, no que concerne as coisas eternas, já a razão inferior guia-se nas coisas materiais, ainda que se encontre verdadeiramente na razão superior (Merino, 2006a). Ao oposto da razão, temos à vontade, que porventura não deixa de ser também uma potência da alma.

A atividade principal da vontade, então, é fundada na deliberação, no juízo e no desejo (Boaventura, 2020a). A vontade é guiada pela razão, pois tanto a deliberação, quanto a formulação dos juízos induz para um bem, pois se baseia na semelhança com o Bem Supremo. Entretanto, como salienta Merino (2006a, p. 193), "estar guiado pela razão não quer dizer que necessariamente a siga, pois o livre-arbítrio consiste precisamente na possibilidade de fazer uma opção contrária ao juízo da razão". Sendo assim, o livre-arbítrio é uma causa do afastamento de Deus, como bem nos recorda De Boni:

> O livre-arbítrio levou o homem a agir em função de si mesmo, de seus próprios interesses, e não em vista de Deus. Houve, pois, uma ruptura na relação entre Deus e o homem, uma ruptura total. [...] Principalmente a vontade foi atingida pelo pecado. Os pecados posteriores são um ato do livre-arbítrio, são uma decisão da pessoa. A alma tende, pelo pecado, não para o alto, mas para baixo, para o mundo dos sentidos (Boni, 2013, p. 8).

Porém, no fim, o livre-arbítrio nada mais é do que uma deliberação iluminada pela razão, a liberdade de escolha dada por Deus com o juízo como guia e legislador para assim uma tomada de decisão do desejo. Logo, há uma íntima e intrínseca relação entre vontade e razão, que acontece por mútua e necessária colaboração. Pois mesmo o desejo possuindo diversas atrações, o que mais atrai o homem, se não o amor e a felicidade? E para Boaventura o Amor em si nada mais é do que a felicidade e tal felicidade só se pode encontrar no Sumo bem.

É assim a proposta do pensamento do pobre frade: deseja mostrar a proximidade existente e possível da alma humana para com Deus:

> Imergir, desta maneira, no pensamento boaventuriano, é poder afirmar que não há nada mais próximo de Deus senão a alma humana. Assegurar na memória, na inteligência e na vontade, que emanam da alma e como tais tornam a alma imagem de Deus, toda à disposição para o encontro com aquele que chamou o ser humano à vida em meio à obra criacional, pois é a relação harmoniosa com toda obra da criação que levará o mesmo para o Criador (Almeida; Carvalho, 2020, p. 42).

Portanto, a filosofia boaventuriana considera a reflexão da alma em si mesma como um espelho onde se pode contemplar o mistério da Santíssima Trindade, a saber: "o Pai, o Verbo e o Amor - três pessoas coeternas, coiguais e consubstanciais, existentes uma na outra sem se confundirem e, no entanto, todas três não são senão um só Deus" (Boaventura, 2020a, p. 62). Não sendo assim igual, porém semelhante a alma humana, a Trindade Criadora é a base e fundamento intrínseco de toda interioridade, pois é imprescindível o conhecimento de si mesmo para poder chegar ao conhecimento de Deus. Tem a interioridade como via de descobrimento da alma como sombra da imagem divina (Bellei, 2014).

Concluindo, assim, mais um degrau de elevação do homem para a cognoscibilidade de Deus, sobe a iluminação divina na alma humana, refletindo sobre si a imagem do Criador impressa nela. Tal luz irradiante leva os sábios à contemplação, porém leva à ruína e confusão dos cegos insensatos, como vimos no primeiro capítulo, que são cegos aquele que rejeitam a iluminação divina. Pois sem ela jamais poderão alcançar a verdade revelada em Jesus Cristo, que é a verdade por excelência em todo o pensamento de São Boaventura de Bagnoregio.

3.2 A alma renovada pelos dons da graça

No fim desse segundo capítulo, tomar-se-á o tema central, a revelação da verdade de Cristo na alma renovada pela graça, que consta como quarto degrau no itinerário boaventuriano para a cognoscibilidade de Deus. Recordando que o autor se utiliza nesta via da interioridade, no degrau anterior foi discutida a possibilidade desse conhecimento no reflexo existente nas potências da alma. Agora, dar-se-á a discussão em cima da própria alma.

Assim como numa escada, onde acontece a elevação do corpo para atingir um andar superior, Boaventura eleva a maneira de contemplação a cada capítulo percorrido, de forma com que a alma se sinta cada vez mais perto de seu Criador. Porém, surge um questionamento inesperado, pois no pensamento do Doutor Seráfico "Parece estranho que, estando Deus tão próximo de nossas almas [...] poucos sejam os homens que contemplam em si mesmos o

primeiro Princípio" (Boaventura, 2020a, p. 65). No entanto, esclarece com precisão e clareza, que a razão de tal fato acontecer é simples, pois:

> [...] alma humana, distraída pelas preocupações da vida, não entra em si mesma pela memória. Obscurecida pelos fantasmas da imaginação, não se recolhe em si mesma por meio da inteligência. Seduzida pelas paixões, não volta mais a si mesma pelo desejo da doçura interior e da alegria espiritual. Assim, toda imersa nas coisas sensíveis, torna-se impotente para encontrar em si mesma a imagem de Deus (Boaventura, 2020a, p. 65).

Deste modo, como pode a alma contemplar a verdade que se revela dentro de si, se como relata o franciscano, a própria alma está caída "nas coisas sensíveis"? Ora, como o frade demonstra perfeitamente nesse capítulo, não há uma alternativa, a não ser que a própria Verdade se encarnasse. E é justamente nesse ponto que o pensamento de Boaventura difere da heresia gnóstica da gnoseologia boaventuriana, onde na doutrina do frade é impossível excluir a encarnação e seu papel e importância na história. De fato, a maioria de seus comentadores atestam que a teoria da história da salvação é toda ela cristocêntrica e um de seus pilares irrevogáveis é sem dúvidas a encarnação.

Reiterando que na gnoseologia de São Boaventura, a razão de conhecermos as coisas do mundo sensível como elas devem ser e não somente como são ou se apresentam, tudo isso aponta para o fato de que nossa mente tem a capacidade de conhecer o objeto em suas razões ou normas eternas. Entretanto, esse conhecimento é norteado por princípios superiores, novamente voltando-se à metafísica da interioridade, como bem ressaltando Saranyana, que a forma e a organização do nosso pensamento expressam e evidenciam a própria feitura do real pela divindade, na medida em que reproduzem as ideias eternas da mente de seu Criador (Saranyana, 2015).

No entanto, nesse processo de interiorização, ele ressalta que, por mais que a luz da razão ou do conhecimento humano brilhe dentro de si, não conseguirá alcançar tal deleite sem a mediação do Cristo Jesus, que é a porta e mediador para atingir o repouso pleno da Verdade de Deus. E indica que é preciso das três virtudes teologais para ingressar na crença, na esperança e no amor a Jesus, porta e caminho de toda introspecção. Impulsionado pela mística cristã de seu tempo, em especial com inspiração em que Dionísio prescreve três vias para serem percorridas nesse degrau, a saber: a via purgativa, via iluminativa e via unitiva.

Em seus escritos espirituais, ele descreve e relata uma a uma em sua obra chamada Os três caminhos da vida espiritual ou Incêndio do Amor, onde percorre três vias para alcançar um

progresso espiritual e místico. Ressaltando sua filosofia teocêntrica na trindade, como redução de todas as ciências, pois:

> [...] trazem em si a marca da Trindade; mas de todas a que melhor a conserva é a que se aprende na sagrada Escritura. Dela disse o Sábio que foi por três formas ensinada, por causa dos três sentidos espirituais que encerra: o moral, o alegórico e o anagógico (ou místico). Os quais correspondem aos três atos hierárquicos da vida espiritual: a purificação, a iluminação e a perfeição. A purificação produz a paz, a iluminação conduz à verdade e a perfeição realiza a caridade (Boaventura, 2020b, p. 169).

Assim, no processo de purificação, iluminação e perfeição, deve-se ater sempre ao mistério da Trindade. Com isso, na purificação da alma deve-se passar pela recordação dos pecados, para que possa retirar o "aguilhão da consciência" onde se pode censurar a extradição da alma humana para o bem. Isso se dá ao reconhecer os pecados cometidos enquanto: na negligência, que existe no coração, ou na aplicação do tempo, ou na conduta das ações; rético, nos desejos as voluptuosidades (ou seja, os desejos da carne), ou na curiosidade ou no desejo da vaidade; por fim, nas malevolências, onde se reflete sobre as emoções más como a cólera; ou a inveja; ou preguiça.

Em seguida como segundo passo, seria o aguçamento pelo exame da própria alma, onde ela recorda três coisa imprescindíveis, a saber: em primeiro lugar o dia último, onde morreremos sem preparo ou aviso prévio; em segundo o sangue de Cristo derramado na cruz, para remissão e derramamento da graça para lavar todos os corações dos sentimentos maus; finalmente, que no fim de tudo ocorrerá o Juízo final, quando nos depararemos face a face com um juiz infalível e irrefutável.

Enfim, no terceiro e último passo para a purificação da alma, em que ela pode se retificar diante seu Criador, consiste em três qualidades para contribuir assim com a retificação da consciência, que são: O zelo que corrige as negligências e suas quedas da alma; a austeridade que hostiliza a concupiscência da carne; e a benevolência que luta contra a malevolência. Com isso se distingue com o homem com boa consciência e de reta alma. Assim estará pronto para a iluminação, que primeiramente dirige a inteligência iluminada pela graça divina, para os pecados perdoados, logo após irá recordar os benefícios recebidos, e, por fim, se deterá nas recompensas prometidas (Boaventura, 2020b).

Por fim, depois de ter passado pela purificação dos sentidos, pela iluminação da inteligência se chega à perfeição ou unidade da alma através dos exercícios espirituais. Tal exercício pode e deve obter como resultados o aperfeiçoamento da alma no que desrespeito ao

calor da sapiência. E, para isso, é necessário, concentrando, avivando e elevando tal calor que une criatura ao Criador, ao incêndio do Amor. Como Boaventura nos adverte em sua conclusão:

> É assim que, pelo exercício da meditação sobre os atos mais adequados à purificação, iluminação e perfeição da alma, se adquire a ciência que a sagrada Escritura encerra [...] A isto é que se hão de dirigir todas as nossas atenções, porque o escopo de todo raciocínio e operação mental é formar pela experiência o conhecimento; nisto consiste a verdadeira sabedoria. Tal meditação deve ser praticada com todos os recursos A do espírito: razão, sindérese, consciência e vontade. Tal meditação deve ser praticada com todos os recursos do espírito: razão, sindérese, consciência e vontade. A razão esquadrinha e formula o problema; a sindérese define e pronuncia o julgamento; a consciência testemunha e confirma; a vontade escolhe e resolve (Boaventura, 2020b, p. 178-179).

Assim adentra e ressalta a primazia da Sagrada Escritura, para alcançar o conhecimento de Deus nesse quarto degrau. "No degrau precedente a alma era ajudada pela Filosofia. Neste degrau, ao invés, ela é especial e preferencialmente ajudada pela Sagrada Escritura divinamente inspirada" (Boaventura, 2020a, p. 70). Boaventura vê na Sagrada Escritura um farol norteador de todo conhecimento, assim como sua metafisica é toda cristocêntrica, sua epistemologia está sobretudo baseada na revelação divina, onde Cristo como mestre primaz é notória, como o próprio frade expresse:

> Disso fica claro que há uma tríplice modalidade de conhecer: a primeira se realiza pela crença de um piedoso consentimento; a segunda, pela firmeza derivada de um raciocínio seguro; a terceira, enfim, pela claridade da pura contemplação. A primeira refere-se ao hábito da virtude da fé; a segunda, ao hábito do dom do intelecto; a terceira, ao hábito da bem-aventurança, que é a pureza de coração. Há, pois, três diversas formas de conhecimento: a creditiva, a dedutiva e a contemplativa; e de todas elas Cristo é princípio e causa; da primeira, enquanto é caminho; da segunda, enquanto é verdade, e da terceira, enquanto é vida (Boaventura, 1998, p. 371).

Nesse contexto, é explícita a importância e estrutura sobrenatural da graça, como o voltar-se para dentro de si é um dom de Deus, para obter o conhecimento de si mesmo o ser humano precisa irrevogavelmente da iluminação de seu Criador, como mestre do caminho interior. Por mais que se conte com o conhecimento da razão ou com o estudo das ciências, se será capaz de deliciar-se da plana intimidade e verdade de Deus, sem como já foi dito, passar pela porta, que é Cristo. Nisso está toda a base da interioridade boaventuriana, na relação da alma humana com a verdade de Deus revelada em Cristo (Bellei, 2014). E isso só se pode

> pecado, excetuando-se a caridade, e pela penitência podem ser novamente informadas, quando sobre elas advém novamente a graça, que é a origem, o fim e a forma dos hábitos virtuosos (Boaventura, 2018a, p. 179).

Portanto, para São Boaventura, a iluminação divina é necessária para atingir essa contemplação de Deus. Assim sendo um convite para cada indivíduo em seu âmbito existencial, físico e antropológico a expressar de forma integral e intelectual uma via de acesso ao conhecimento íntimo e verídico com Deus. De uma maneira organizada e reflexiva uma mística -filosófica que conduza a uma relação plena de viver.

4 CONTEMPLAÇÃO DE DEUS NO SER E NO BEM AO ÊXTASE MÍSTICO

Nesse terceiro capítulo, será demostrada a terceira e última via de ascendência à intimidade com Deus, no itinerário boaventuriana. Assim, neste capítulo, serão analisados os últimos dois degraus que o homem pode dar em direção ao conhecimento puro e verdadeiro do ser Criador. Essa análise terá como objeto central de pesquisa os atributos de Deus, na unidade perfeita do ser, como "Aquele que É"[5], sendo seu nome primário o ser, logo após, seu nome secundário, o bem, colocando a Santíssima Trindade em foco para demonstração de tal manifestação do Ser Primeiro.

Logo, a analogia do tabernáculo, citada no capítulo anterior, que expressa o progresso do caminho de interioridade percorrido até o ponto de chegada no santo dos santos, onde se encontra a presença real e verdadeira de Deus, manifestada no êxtase mental e místico. Percorridos os dois primeiros degraus dessa escada de elevação da mente humana, onde Deus foi contemplado fora do ser, percebendo no mundo sensível e em toda a criação, progressivamente os dois degraus anteriores, foi contemplado dentro do homem, como criatura e obra prima, nos vestígios deixados em sua alma. Agora, será buscado nas razões acima da humanidade, na revelação mística de seus atributos divinos e eternos, onde será contemplada a Luz da verdade, como a síntese que ele mesmo, no início do quinto capítulo:

> Aqueles que se exercitaram no primeiro degrau entraram já no adro que se encontra diante do tabernáculo. Aqueles que percorreram o segundo avançaram já até o Santo. Aqueles que passaram pelo terceiro degrau penetraram já, com o sumo pontífice, no Santo dos Santos, onde dois querubins da glória, colocados sobre a arca, cobrem com suas asas o propiciatório. Estes dois querubins representam os dois modos ou degraus pelos quais nos elevamos às perfeições invisíveis e eternas de Deus; o primeiro refere-se aos atributos essenciais de Deus, o segundo, aos atributos próprios de cada pessoa (Boaventura, 2020a, p. 75).

4.1 A contemplação da unidade divina: o ser

A questão abordada no quinto e sexto degrau do itinerário é essencialmente metafisica e mística ao mesmo tempo, pois contará de uma série de argumentos lógicos baseados em trechos da Sagradas Escrituras, assim como o último tópico do capítulo anterior. Boaventura como um bom medieval, utiliza-se dos textos bíblicos para construir seus argumentos e suas

[5] Cf. Êxodo 3, 14.

provas teocêntricas. Como relata a introdução desse capítulo, agora é preciso adentrar ao local onde se encontra o sumo pontífice, no tabernáculo do Santo dos santos.

O Doutor Seráfico aqui já começa apontando de onde deve partir a investigação desse degrau, pelo Ser mesmo. Aquilo que Deus é em sua essência de ser, como seu nome principal. Tomando o texto do Antigo Testamento, o frade começa com a própria declaração que Deus faz a Moisés, para dizer que Deus é "Aquele que É"[6]. E sobre essa passagem o próprio Boaventura explica em uma de suas Conferências sobre os Dez Mandamentos, dizendo:

> Para entendermos isto, é preciso conhecer algumas circunstâncias. Sabeis a quem foi dado o primeiro conhecimento dos mandamentos? Certamente a Moisés, que escreveu inspirado pelo Espírito Santo. Mas quando obteve esse conhecimento? Quando o Senhor lhe apareceu. E como lhe apareceu? No fogo da sarça ardente, quando Moisés perguntou: Quem és tu, Senhor?, e o Senhor lhe respondeu: Eu sou o que sou (Ex 3,14). Naquele momento o Senhor lhe deu duas luzes, a luz da essência da eternidade e a luz da eterna verdade. A sarça ardia, mas não se consumia, indicando-nos o mistério da encarnação. Essas duas luzes são os principais fundamentos da fé, a luz da essência da eternidade e a luz da eterna verdade, além do mistério da encarnação de nosso Salvador (Boaventura, 2018b, p. 45).

O frade enxerga no Antigo Testamento, sobretudo nessas revelações do êxodo, do encontro de Moisés, a revelação do nome principal de Deus que se apresenta na unidade do Ser e o Novo Testamento a manifestação do nome secundário de Deus na contemplação da Santíssima Trindade como Bem. Notando todo esse capítulo, o autor trabalha perfeitamente uma forma de atribuir a noção de "ser" a Deus, sendo essa noção metafísica, para Aristóteles e seus discípulos, o ápice de todo o conhecimento humano. Como também se vê claramente a linha divisória do pensamento boaventuriano para as ideias tomistas.

Ainda seguindo essa linha de pensamento do ser Criador que revela sua sabedoria e sua existência, Boaventura demonstra sinteticamente essa manifestação feita no antigo Testamento. Nunca se esquecendo de sua doutrina trinitária e apresentando sua defesa de modo racional e filosoficamente consistente, o Doutor Seráfico explica que um fator de conhecimento do Criador é o que Ele mesmo disse: "Eu sou o Senhor teu Deus". Pois, ao dizer "Senhor", indica a força do Pai Criador. Quando diz "Deus", aponta a sabedoria do Filho. E a se referir ao "teu", denota a benevolência e a bondade do Espírito Santo. Ao falar "Eu", caracteriza a sua identidade como essência. Logo, essas expressões indicam a unidade do Deus Trindade que se manifesta como Criador do céu e da terra (Boaventura, 2018b).

---

[6] Cfr. Êxodo 3, 14.

Assim, Boaventura demonstra seu pensamento filosófico-metafísico sobre o ser absoluto no seu quinto capítulo com uma base sólida e logicamente consistente. Para ele, a capacidade humana de delinear o conhecimento desse ser puro está fortemente interligada ao seu pensamento ontológico em que Deus é o sustentador de toda a humanidade. Tal problema filosófico cai em ideias sobre a gnose boaventuriana. Emergido nesses pensamentos, ele denota:

> Com efeito, assim como o puro nada não tem absolutamente nada do ser nem de suas propriedades, assim o Ser absoluto nada tem do não ser. Nem em ato nem em potência. Nem na realidade nem no nosso pensamento. Ora, sendo o nada a privação do ser, nós não podemos concebê-lo senão por meio do ser. O ser, pelo contrário, para ser conhecido, não tem necessidade de uma coisa estranha a ele, porque tudo o que percebemos com a nossa inteligência percebemo-lo ou como não ser, ou como ser em potência, ou como ser em ato. Ora, se o não ser não se concebe senão pelo ser, se o ser em potência é inconcebível sem o ser em ato, e se o ser designa o mesmo ato puro do ente, deve-se concluir então que o ser é aquilo que por primeiro cai sob nosso conhecimento - e este ser é o ato puro (Boaventura, 2020a, p. 78).

Étienne Gilson, no seu livro O Espírito da Filosofia Medieval, destaca que, quando Deus diz que Ele é o ser, e para nós isso soa com um sentido meramente racional, significa que Ele se denominou ato puro de existir. Excluindo, assim, logicamente, todo não ser e não podendo ser afetado de maneira nenhuma por qualquer não ser, nem em si mesmo, muito menos pelo nosso ponto de vista. Mas não seria um conceito de meros conteúdos linguísticos e filosóficos que Deus deseja ser posto, mas para além de toda capacidade de abstração sensível e racional do homem (Gilson, 2006). Ele ainda continua com uma justificativa de explicação do juízo que pode ser feito corretamente sobre esse conhecimento do Ser de Deus.

> O Ser é o Ser, posição absoluta do que, existindo para além de todo objeto, contém em si a razão suficiente dos objetos. É por isso que se pode dizer com razão que o próprio excesso de positividade que oculta o ser divino aos nossos olhos é, entretanto, a luz que ilumina todo o resto (Gilson, 2006, p. 71).

Tal iluminação continua se apresentando no pensamento boaventuriano. Como na analogia aristotélica do olho de nosso espírito ser semelhante ao de um morcego defronte à luz, que o Doutor Seráfico cita e esclarece dizendo que esses olhos espirituais já estão tão habituados "às trevas dos seres criados e às imagens sensíveis parece-lhe não ver nada, mesmo quando contempla o esplendor do ser supremo [...] assim como o olho do corpo, ao enxergar a luz pura, parece-lhe não ver nada" (Boaventura, 2020a, p. 79).

Por conseguinte, Boaventura levanta uma questão, que faz menção ao argumento ontológico de Santo Anselmo. O Ser primeiro, Deus não pode ter sido gerado do nada ou por outro ser, pois o que existiria por si mesmo ou de si, sem ser o Ser puríssimo e primeiro? Assim como sua existência, a conclusão dessa defesa nos explica Vicente Muniz, ao dizer:

> O argumento ontológico de Anselmo foi recolhido do *Proslogion* por Boaventura que o apresentou com nova modalidade, identificando o *ens quo melius cogitari nequit* (o "ente melhor do qual não pode ser pensado nenhum outro ser") com *veritas*. [...] "Se Deus é Deus, Deus existe". Ao conhecer os termos da proposição, ambos mutuamente se incluem. Enunciada a proposição Deus ou suma verdade, a necessidade intrínseca de seu ser é tal que imediatamente a mente capta sua existência. A definição de Deus em Anselmo inclui um conteúdo que nosso pensamento deve desenvolver para tirar a conclusão. Mas em Boaventura esta definição se transforma em evidência imediata, porque participa da necessidade da conclusão. Por isso, se a proposição "Deus é Deus" é evidente, a conclusão "Deus existe" é logicamente tão evidente como a premissa da qual se infere, pois cai dentro do mesmo significado de Deus (Muñiz, 2006, p. 164).

A certeza da existência de Deus e seus pressupostos levam ao frade franciscano afirmar com veemência "Se, pois, o nome "Deus" designa o Ser primeiro, eterno, simplicíssimo, atualíssimo e perfeitíssimo, é impossível que não exista ou que não seja um só" (Boaventura, 2020a, p. 81). Considerando todos os argumentos formados pelo Seráfico Doutor, se chega ao fim de mais um degrau de aproximação para o conhecimento verdadeiro do Deus vivo, aquele que É. O fim último de tudo e de toda a realidade imanente, o Alfa e o Ômega. Máximo, simplicíssimo e eterno, pois não possui nem passado e nem futuro, mas somente é o presente. Assim finaliza seu quinto capítulo, recapitulando:

> O ser puríssimo e absoluto - isto é, o Ser por excelência - é o primeiro e o último. Por isso é a origem de todas as coisas e o fim que as consuma. - Enquanto eterno e onipresente, abrange e penetra toda a duração do tempo, como se fosse seu centro e sua circunferência. - Sendo simplicíssimo ao máximo, é tudo em todas as coisas e é tudo fora das mesmas. É como que "uma esfera inteligível, cujo centro está em toda parte e cuja circunferência está em nenhum lugar". Enquanto atualíssimo e imutabilíssimo, "permanece estável, dá movimento a todo o cosmo". -Enquanto perfeitíssimo e imenso, está dentro de todas as coisas, mas não incluído; fora de todas as coisas, mas não excluído; acima de todas as coisas, mas não sobrelevado; abaixo de todas as coisas, mas não abatido (Boaventura, 2020a, p. 83).

4.2 A contemplação da Santíssima Trindade: o bem

Continuando o desenvolvimento desse capítulo, será necessário um debruçar-se sobre o nome secundário do Ser primeiro e absoluto, na sua unidade trinitária, o Bem. Como já foi destacado e mencionado no tópico anterior, Boaventura ressalta que a completude do Ser de Deus está referenciada no Antigo Testamento, enquanto a alusão da benevolência está no Novo Testamento. Fazendo menção "a pluralidade das pessoas divinas ao batizar no nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo" (Boaventura, 2020a, p. 76-77) e a existência de tal trindade se torna imprescindível no boaventuriano, como logo mais o veremos.

O santo doutor agora direciona a segunda parte da sua última via para uma contemplação de um dos grandes mistérios de sua fé, o ser Uno e Trino, as três pessoas que coexistem com o mesmo Deus e Senhor, o grande Sumo Bem. Pois, ainda no capítulo anterior, ele ressaltava que somente um era bom, fazendo menção à fala de Jesus[7]. E assim como existem os dois querubins que guardam a arca da aliança, no tabernáculo do Santo dos Santos, assim, para chegar ao conhecimento verdadeiro do Deus Trindade é necessário refletir sobre esses dois aspectos. O primeiro discorrido no tópico anterior, que fala dos atributos do Ser, como ser absoluto e puro e agora sobre sua benevolência no que se denomina o Bem.

> Boaventura busca descrever o Bem na Trindade, que é caridade (*caritatis*). Com efeito, essa relação de caridade na Trindade, percebe-se na comunhão das três Pessoas: o amante, o amado e o coamado. O Pai é o amante. E pela sua força de caridade infinita, comunica o ser divino a outro, o qual ama como a si mesmo. O Filho que é amado comunica a divindade ao terceiro, o Espírito Santo, isto é o coamado (Silva, 2017, p. 40).

Nessa complexibilidade do Sumo Bem, é que se dá sua divisão, sua difusão e sua comunicabilidade. "É, pois, próprio do Sumo Bem difundir-se sumamente. A suma difusão, porém, deve ser, necessariamente, atual e intrínseca, substancial e pessoal, natural e voluntária, livre e necessária, indefectível e perfeita" (Boaventura, 2020a, p. 86). É uma necessidade do ser benevolente do Criador (na pessoa do Pai), do redentor (na pessoa do Filho) e do inspirador (na pessoa do Espírito) essa comunicação maior, em que, aquilo que pode parecer ser três deuses diferentes, não é, e sim uma única pessoa atual e consubstancial.

São Boaventura expressa essa difusão na comunicação trinitária usando a proposta de Ricardo de São Vitor, em que se fala de um único amor, o amor trinitário que se dá em três formas, a saber: o amor gratuito, que corresponde ao do Pai; o amor gratuito e devido que

---

[7] Cfr. Lucas 18, 19

caracteriza-se o do Filho e o amor devido que é o amor do Santo Espírito. Nisso ele se baseia ao destrinchar essa comunicabilidade necessária e perfeitíssima, pois:

> A perfeita comunicabilidade do Sumo Bem far-nos-á compreender que é necessário exista a Trindade do Pai, Filho e Espírito Santo. Podes ver que, nestas pessoas, a suma bondade exige uma suma comunicabilidade; e a suma comunicabilidade, a suma consubstancialidade; e a suma consubstancialidade, a suma semelhança; e delas todas surge a suma coigualdade, e devido a ela a coeternidade. E em virtude de tudo isso, a suma cointimidade, em virtude da qual um está necessariamente no outro por suma circumincessão e um opera com o outro por razão da absoluta indivisão da substância, do poder e da atividade da beatíssima Trindade (Boaventura, 2020a, p. 88-89).

Como místico medieval, ele relembra a incompreensão dos mistérios de Deus, já que pode o homem começar a comtemplar a natureza divina, pode ele cair na ilusão de pensar que está compreendendo tudo da Mística trinitária. O pensamento boaventuriano sobre tal mística é gerado em um desenvolvimento do pensamento de uma teologia da Trindade que tenha uma relação mais intrínseca com os fatores da criação.

Um dos maiores teólogos do século XX, o jesuíta Karl Rahner, faz grandes críticas à teologia que é trabalhada no contexto atual, pois vê ele, uma falta muito grande e expressiva de uma apresentação mais concreta da doutrina trinitária. Ele desejava que na vida religiosa e cristã a doutrina trinitária tivesse de uma forma tão interligada que se expressasse no cotidiano de forma concreta e real. Rahner via em São Boaventura um exemplo para provar essa importância da tomada de posse de tal doutrina na vida da Igreja.

> [...] em São Boaventura, e a partir do seu exemplarismo, por causa do qual e como consequência da revalorização da causa exemplar, equiparada à causa eficiente e à final, supera, à sua maneira, e de longe, a opinião de que as realidades do mundo não podem ser propriamente trinitárias por ter sido este criado em causalidade eficiente por obra do Deus uno (Rahner, 1961, p. 106)[8].

Por conseguinte, São Boaventura elenca seis perfeições que existem na Trindade e que devem ser consideradas com grande piedade, a saber: a suma comunicabilidade, ao lado do caráter próprio de cada pessoa trinitária; a suma consubstancialidade, ao lado da pluralidade; a suma semelhança ao lado da distinção; a suma igualdade ao lado da ordem; a suma coeternidade

[8] "[...] en Buenaventura y a partir de su ejemplarismo, a causa del cual y como consecuencia de la revalorización de la causa ejemplar, equiparada a la causa eficiente y a la final, supera a su manera, y con mucho, la opinión de que las realidades del mundo no pueden ser propiamente trinitarias por haber sido éste creado en causalidad eficiente por obra del Dios uno"

ao lado da processão; a suma intimidade ao lado da missão de cada pessoa. Quem, por todas essas perfeições não há de ser arrebatado em profunda admiração diante de tantas maravilhas? (Boaventura, 2020a).

Depois de analisar as divisões, difusões e as perfeições da Trindade, faz-se imprescindível para o autor, a necessidade deter-se posteriormente para alcançar um conhecimento nítido e verdadeiro na unidade intrínseca da substância. Por isso ele salienta em seguida, sobre reconhecer o mistério do Deus uno:

> [...] a unidade de essência, de forma, de dignidade, da eternidade, da existência e da incircunscriptibilidade. - Quando consideras estas perfeições, cada uma em si mesma e separadamente, tens aquilo que te capacita para contemplar a verdade. [...] Isso nos ensinam os dois querubins que se olhavam mutuamente. Nem deixa de ser mistério o fato de que se olhassem "com as faces voltadas para o propiciatório" [Ex 25,20]. É a verificação da Palavra do Senhor referida por São João [17,3]: "A vida eterna consiste em conhecermos a ti, único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste". De fato, devemos admirar não só as condições essenciais e pessoais em si mesmas, mas também em comparação com a soberanamente admirável união de Deus e do homem na unidade de pessoa de Jesus Cristo (Boaventura, 2020a, p. 91).

E para Boaventura qualquer intelecto humano, por máxima escassez que tenha de tal iluminação, é predestinado a captar e apreender ao Ser de Deus pelo conhecimento e pela caridade (Boaventura, 2018a) Por isso, é um processo natural do homem também tender para o bem, se ressalta na ideia da sindérese, a não ser essa tendência para a bondade humana que leve à perfeição, que é assemelhar-se com seu Criador. Isso leva Muniz exclamar:

> Enquanto no campo da realidade impera o determinismo dos sentimentos e dos fatos, e no campo das ideias puras impera o determinismo da lógica, somente no campo do Bem, da perfeição, se dá lugar para a liberdade. Desta Bondade fontal, que é Deus, procede a criação que Ele realiza por Amor, definitivamente porque ele quer livremente. Trata-se do primado da Bondade e do Amor, que Francisco viveu e do qual teve experiência e que Boaventura fez seu e especulou sobre o mesmo e sistematizou em seus escritos. O universo todo, particularmente o homem, é obra da bondade divina enquanto esta é causa eficiente, exemplar e final. Deus cria, porque é Bondade e, porque é sua causa eficiente, ama todas as suas criaturas. *Bonum est diffusivum sui* (Muniz, 2006, p. 164).

Por fim, concluindo os degraus que cabem ao homem percorrer, no itinerário místico-filosófico de Boaventura de Bagnoregio, pode-se verificar que as provas da existência de Deus elevam a mente ao transcendente partindo da imanência do mundo sensível e exterior, sendo Paulo: "O que Deus tem de invisível...deixa-se perceber à inteligência por meio de suas

criaturas"[9]. Outra ainda baseada nas ideias agostinianas, em sua metafísica da interioridade e iluminação da alma, chegando porventura no núcleo do itinerário boaventuriano (Almeida; Carvalho, 2020).

Alcançando seu ponto mais alto na contemplação do ser e da benevolência do Criador, ao exemplo dele, poder repousar no sétimo dia. Depois de seis degraus, pelo esforço e habilidades humanas, agora Deus, ao ver o esforço da busca itinerante a perspicácia humana cessa e dar-se-á lugar ao repouso místico e êxtase mental na cognoscibilidade do Sumo Bem.

4.3 O êxtase mental e místico

Chegando, por fim, ao último momento desse itinerário, o repouso do deleite da santa cognoscibilidade do Ser primeiro, perfeitíssimo, altíssimo e absoluto, no caminho que Boaventura traçou nesse itinerário em sete capítulos, que ele chamou de degraus, a elevação de nossa mente por meio do intelecto para uma mística em que se revela o Deus Uno e Trino. Ele nos mostrou os seis passos, como já percorridos: a contemplação do universo, dos vestígios impressos no mundo sensível, como primeira via; da sua imagem impressa nas potências da alma, da alma renovada pelos dons da graça, como segunda via; da unidade divina: o ser, e o da Santíssima Trindade: o bem, como terceira via; e no fim o ponto de chegada, o êxtase da contemplação. Em cada degrau, foram trabalhadas tais aptidões dos sentidos:

> A estes seis degraus de elevação a Deus correspondem as seis potências da alma, pelas quais ascendemos das coisas inferiores às superiores, das exteriores às interiores, das temporais às eternas. São elas: os sentidos, a imaginação, a razão, o entendimento, a inteligência e o ápice da mente, ou a centelha da sindérese (Boaventura, 2020a, p. 27).

Portanto, percebemos que o processo de conhecimento do homem para com seu criador, em São Boaventura é visto inicialmente por um processo sensitivo. Até chegar a um nível que passaremos de uma ciência mecânica e sensitiva, para uma que use mais da razão e da filosofa. Porém, o homem tem a possibilidade de transcender ainda mais para uma ciência superior, que ele reduz à Teologia. Como bem resume Ricardo Rodrigues:

> [...] o primeiro degrau (i) equivale ao primeiro capítulo e também ao primeiro dia da criação. O conhecimento que corresponde ao primeiro capítulo está disposto e relacionado de alguma forma com a revelação e iluminação divina; (ii) segundo dia, o segundo degrau está relacionado ao conhecimento sensível que pela meditação – sentidos internos - nos permitem dispor a relação a

[9] Cfr. Romanos 1,20

> diferença entre a Imagem de Deus (conceito, ideia) e a sua condição ontológica; (iii) o terceiro dia, esse degrau refere-se a luz exterior (artes mecânicas) – a ação desencadeada pelo humano diante da natureza; (iv) no quarto degrau da elevação entra o conhecimento das coisas sensíveis, denominada de luz inferior, refere-se a ciência que através dos sentidos, da convicção que a verdade plena é imutável e que a nossa capacidade cognoscível consegue 'alcançá-la' – equivale ao quarto dia da criação; (v) quinto dia, quinto degrau - agora temos a luz interior, conhecimento construído pela/através da Filosofia e que nos permite teorizar e agir no campo racional, moral e natural (fazendo as devidas distinções); (vi) no sexto degrau está a descoberta da *sapientia,* que pode ser entendida como o saber multiforme, tendo em vista que a mente divina é o ôntico fontal de todos os seres – equivale ao sexto dia da criação; (vii) por fim no sétimo degrau, estágio metafórico do descanso divino é plenitude da elevação, ou o face-à-face, onde a pessoa humana se une com Deus (Rodrigues, 2010, p. 12).

Em cada degrau, como dito acima, Boaventura, uma potência da alma, tendo entre elas a centelhas da sindérese, essa palavra sindérese, foi assumida pela filosofia escolástica, possuindo vários pensamentos sobre seu significado e em Boaventura teve um conceito bem definido, ele a considerava:

> [...] como a iluminação que Deus concede ao intelecto humano no domínio prático, correspondendo à iluminação que, no domínio teórico, o leva para a ciência (In Sent., II, d. 39 a. 2, q. 1). Portanto a S. é "o ápice da mente", o último grau da ascensão a Deus, o que precede imediatamente o arrebatamento final (*Itinerarium mentis in Deum*, I, 6). Definição análoga aparece em Alberto Magno (S. Th., II, 16, q. 99) (Abbagnano, 2012, p. 1072).

Segundo José Antonio Merino, a sindérese, ou chamada também de ápice da mente, é fruto da união e da experiência imediata que gera o conhecimento experiencial, tal conhecimento refere-se mais ao amor do que propriamente as atividades intelectivas (Merino, 2006). Isso o Doutor Seráfico deixa explicito: a busca da inteligência humana consegue chegar até a porta da mente divina, o sétimo degrau é uma resposta do amor do criador. Nesse ponto a razão se cala para dar lugar a graça da fé.

Aqui se concretiza o conhecimento sapiencial boaventuriano, o qual se deleita no amor divino, e assim chega ao seu grande exemplo de vida e mestre de mística, São Francisco de Assis. Francisco aparece no Prólogo primeiramente e em seu último capítulo reaparece, porém podemos perceber a sua importância em todo percurso do itinerário da mente para Deus. Pois Boaventura vê em Francisco o grande exemplo de intimidade com Deus, em que se deleitou na contemplação mística, que passa de toda sede racional. E se tornou o eixo fundamental desse itinerário boaventuriana.

O Pobre de Assis, tem influência direta em todo o pensamento de Boaventura e é imprescindível para entender todo seu pensamento e suas posições filosóficas, teológicas e místicas. Como salienta Rodrigues:

> [...] o princípio e o termo da meditação é o sentido que leva o pobre de Assis a mudar de vida, por isso, tudo começa e termina conforme se inicia o Itinerário: "*incipit speculatio pauperis in deserto*". Essa, provavelmente é a chave de leitura para compreendermos a pobreza de São Francisco de Assis, alguém tocado pelo sabor do saber do amor divino. Alguém que fez essa experiência e que não é apenas cognitiva intelectual (*lógos*), mas é, principalmente, sentir (*páthos*). É justamente essa experiência que nos permite segundo São Boaventura, ver o universo criado tocados pela beleza e o encantamento da ciência, da poesia, enfim, do maravilhamento que é a descoberta do que somos de onde viemos e para onde vamos: o Amor (Rodrigues, 2010, p. 11).

A própria mística boaventuriana não nega a importância da razão ou muito menos o intelecto em si, mas demarca seus limites e gera uma possibilidade de aguçar ainda mais as potências da alma, em um peregrinar desse itinerário dos mistérios divinos, de um modo de viver essa experiência no cotidiano da vida contemplativa e intelectual (Rodrigues, 2010), visto que tal obra vem dispor a alma para um conhecimento do transcendente, que parte da imanência ao êxtase mental e místico.

Por fim, chegando no último degrau, onde esse êxtase mental e místico expressa o caminho místico do frade Boaventura, em que debruça de uma forma suprarracional, que não quer dizer irracional, mas para além da razão, a busca de uma teodiceia, alicerçada na iluminação divina. No que concerne à sua teoria, esta pode ser descrita como:

> [...] esse movimento capaz de intercambiar a Teologia e a Filosofia, reconhecendo a pessoa humana como distinta e digna (*Imago Dei*) diante dos demais seres criados (sombras, vestígios, sinais) e partindo da concepção de que o homem, em termos de conhecimento, é possibilidade e capacidade infinita, *Capax Dei*, e que pode ser interpretada como a possibilidade ilimitada que, no ato da criação, Deus conferiu ao ser humano para conhecer tudo (Rodrigues, 2013, p. 116).

Na questão da interioridade, é visível o quanto Boaventura resgata Agostinho com esse pensamento de ascensão da alma para um conhecimento místico-racional, pois o autor expõe que "quando a alma ascende íntima e gradualmente através das partes da alma, onde começa a aparecer algo que não nos é comum com os animais, é então que começa a razão, e onde já se reconhece o homem interior" (Agostinho, 1984, p. 378). Mas agora, a razão chega ao seu limite e cede lugar às ações divinas.

> Se agora procuras saber como isto acontece, pergunta-o à graça e não à ciência; ao desejo e não à inteligência; ao gemido da oração e não aos estudos dos livros; ao esposo e não ao mestre; a Deus e não ao homem; às trevas e não à claridade. Pergunta-o não à luz, mas ao fogo que tudo inflama e que transfere a Deus com unção que arrebata e afeto que devora. Este fogo é Deus e "sua fornalha está em Jerusalém" [Is 31,9]. É Jesus Cristo que o acende com o fervor de sua ardentíssima Paixão (Boaventura, 2020a, p. 100).

Por fim, São Boaventura reconhecer que não é para todos, pois nem todos recebem essa graça, porém todo ser humano é apto a percorrer esse itinerário de conhecimento e ascendência ao Ser Criador de todas as coisas, porque, de fato, Ele se dá a conhecer por essas três vias e derrama suas graças sobre cada um de nós. E fazendo menção à Paulo, exclama o Seráfico Doutor, isso nos basta.

5 CONCLUSÃO

A finalidade desta pesquisa é abranger, a partir da visão mística-filosófica de São Boaventura, como o homem a partir de sua natureza e pelos elementos à priori pode chegar ao conhecimento de Deus. Neste sentido, buscou-se investigar a obra mais lida e conhecida de Boaventura, traduzida por Itinerário da mente para Deus, onde o conhecimento do Criador é percorrido de forma gradativa por sua criatura, que perpassa pelas três vias dos conhecimentos que se torna uma escada de elevação da mente ao êxtase místico.

Assim como indicado no seu prólogo, o franciscano remete seu leitor para no fim de todo o percurso de conhecimento de Deus pelos seus vestígios e sua imagem, possa se abrir a iluminação do Pai das Luzes e que os estudos ou a parte intelectual irar ser o suficiente para poder alcançar essa graça. Que as grandes e belas reflexões filosóficas irão elevar a mente humana aos horizontes inalcançáveis do transcendente, sem um espírito de devoção. Que as atividades do questionar por Deus, perderiam todo sentido para Boaventura sem uma finalidade mística-religiosa.

Já que Boaventura fora sempre dedicado aos estudos universitários em Paris, chegando a receber o título mestre (o que hoje corresponderia a ser professor titular) e, após ser eleito como Ministro Geral da Ordem Franciscana, teve que abdicar dessa função. Onde se depara com o extraordinário dilema entre o ideal de Francisco, de viver uma vida simples e piedosa, a necessidade da Igreja e o grande crescimento dos franciscanos. Sem dúvida, a sabedoria divina o iluminará para conseguir de forma simples e didática realizar um equilíbrio e síntese da necessária dedicação aos estudos filosóficos-teológicos e a vida mística-religiosa.

O Itinerário de São Boaventura é a resposta clara e de alto nível racional e filosófico, a indagação da possibilidade de o homem chegar a cognoscibilidade do Ser puríssimo, perfeitíssimo e absolutíssimo. E de uma forma extraordinária soube manter as ligações da fé e razão no mesmo pensamento, se utilizando dos estudos, de uma vida intelectual como uma via de acesso a Deus. Com isso, demostrou a importância do uso da razão humana e a indispensabilidade do espírito devoto e aberto as luzes superiores da mente. E, para tanto, redigiu gradativamente os passos necessários para obter um conhecimento verdadeiro, que se encontra acima de nós e de nossa inteligência, pois no fim de tudo o último degrau a ser atingido é o próprio Deus que concede a graça dessa intimidade perfeita.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia.** Tradução: Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. 6 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

AGOSTINHO, Santo. **A Trindade.** Tradução: Agustinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 1994.

ALMEIDA, Irênio Cerqueira; CARVALHO, Genival Oliveira. **A experiência místico-religiosa em São Boaventura:** uma análise descritiva do itinerário da mente para Deus. Jundiaí: Paco Editorial, 2020.

BELLEI, Ricardo José. Cristo: fundamento da interioridade no *Itinerarium mentis in Deum*, de São Boaventura. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 44, n. 2, p. 247-260, maio/ago. 2014. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/11653. Acesso em: 16 nov. 2023.

BÍBLIA de Jerusalém. 13ª ed. São Paulo, Paulus, 2019.

BOAVENTURA, São. Cristo, único mestre de todos. *In*: BOAVENTURA, São. **Escritos Filosóficos-teológicos.** Tradução: Luis Aberto de Boni. Porto Alegre: Edipucrs, 1998, p. 371-386.

BOAVENTURA, São. **Brevilóquio**. Tradução: Luis Aberto de Boni. Campinas: Ecclesiae, 2018a.

BOAVENTURA, São. **Conferência sobre os Dez Mandamentos**. Tradução: Luis Aberto de Boni. Porto Alegre: Concreta, 2018b.

BOAVENTURA, São. **Itinerário da mente para Deus**. Tradução: Jerônimo Jerkovié e Luis Aberto de Boni. Petrópolis: Editora Vozes, 2020a.

BOAVENTURA, São. Os três caminhos da vida espiritual. *In*: BOAVENTURA, São. **As seis asas do serafim e outros escritos espirituais**. São Paulo: Cultor de livros, 2020b, p. 169-202.

BOAVENTURA, São. **Redução das Ciências à Teologia**. Tradução: Pe. Ilídio de Sousa Ribeiro, OFM. Osasco: Editora Domine, 2021.

DE BONI, Luis Alberto. A educação em São Boaventura. ***Acta Scientiarum***, Maringá, v. 35, n. 1, p. 7-15, jan./jun. 2013. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/pdf/actaeduc/v35n01/v35n01a02.pdf. Acesso em: 16 nov. 2023.

FREITAS, Manuel Barbosa da Costa. Teoria do Conhecimento. *In*: MERINO, José Antonio (org.) *et al.* **Manual da Filosofia Franciscana**. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 69-80.

GILSON, Etienne. **O espírito da filosofia medieval**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MANNES, João. **O Transcendente Imanente:** A filosofia mística de São Boaventura. Petrópolis: Vozes, 2002.

MERINO, José Antonio. Antropologia. *In*: MERINO, José Antonio (org.) *et al.* **Manual da Filosofia Franciscana**. Petrópolis: Vozes, 2006a, p. 187-196.

MERINO, José Antonio. Metafísica. *In*: MERINO, José Antonio (org.) *et al.* **Manual da Filosofia Franciscana**. Petrópolis: Vozes, 2006b, p. 109-125.

MUÑIZ, Vicente. Teologia Natural. *In*: MERINO, José Antonio (org.) *et al.* **Manual da Filosofia Franciscana**. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 161-168.

RAHNER, Karl. Advertencia sobre el tratado dogmático 'De Trinitate'. *In*: Escritos de Teologia, t. IV, Madri, 1961, p. 106-107. Disponível em: https://hectorucsar.files.wordpress.com/2015/04/rahner-k-escritos-de-teologc3ada-4-escritos-recientes-taurus-1967.pdf. Acesso em: 16 nov. 2023.

REALE, Giovanni; ANTISERI Dario. **História da Filosofia:** Antiguidade e Idade Média. São Paulo: Paulus, 1990.

RODRIGUES, Ricardo Antonio. A (Im)possibilidade de conhecer Deus no "*Itinerarium mentis in Deum*" de São Boaventura. ***Thaumazein***, Ano V, n. 5, Santa Maria, maio 2010, p. 02-20. Disponível em: https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/thaumazein/article/view/173. Acesso em: 18 maio de 2023.

RODRIGUES, Ricardo Antonio. Teoria do Conhecimento em São Boaventura. ***Thaumazein***, Ano V, n. 11, Santa Maria, jul. 2013, p. 101-118. Disponível em: https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/thaumazein/article/view/114. Acesso em: 18 maio de 2023.

PIGNATARI, Roberto Carlos. ***Deus Quaerens***: Introdução à metafísica da interioridade de Santo Agostinho nas leituras de São Boaventura e Heidegger. São Paulo: Edições *Fons Sapientiae*, 2015.

SILVA, Jardiel Souza da. **A teologia da criação em São Boaventura**. 2017. 50 p. Monografia (Bacharelado em Teologia) - ICESPI, Teresina, 2017.

VIEIRA, J. L. **Dicionário Latim-Português**: Termos e expressões. São Paulo: Edipro, 2016.

SARANYANA, Josep-Ignasi. **A filosofia medieval:** das origens patrísticas à escolástica barroca. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2015.